

NO TEMPO DAS TELEFONISTAS

Hoje me levantei 'p' da vida e quando isto acontece a xingaria chega cedo. Desapareceu do meu computador o original "Deliciosas Receitas da Vovô", apontamentos de "conversas telefônicas" dos bons tempos da CTB.

Não consigo encontrá-los, que merda! E veja que os tinha guardado desde 1.940. Você não calcula as "deliciosas notícias" sobre a vida pregressa das avós italiapolitanas, algumas ainda por aí dando de 'santinha', cabelos brancos como os seus antigos lençóis, esconderijo de saudosas safadezas.

Estou desconfiado que a minha mulher, sabendo do meu desejo em "entregar as vovôs", os 'deletou' dos 'Meus Documentos'. Acuada, me responde imitando a própria avó --- che! non è possibile!

Italiápolis foi fértil em romantismo e as malandrices sensuais brilhavam no olhar tímido de nossas mulheres ricas em imaginação.

Grampear ligações telefônicas não é coisa nova e o PS de Italiápolis que o diga.

nos bons tempos da Companhia Telefônica Brasileira CTB (implantada em 1.919 utilizando-se de postes de madeira retirados no bairro do Mar de Espanha), a cidade manteve o Posto de Serviço que completava as ligações de seus assinantes. Tínhamos uma só mesa operadora, porém meia dúzia de telefonistas (!) doces de lambar os beijos. Todas respondiam pelo código "PS".

--- PS! Boa noite! Liga-me com o 12 42... Em seguida, o 12 42 atendia; se a linha estivesse ocupada o PS, evidentemente, informaria. Eis o grande avanço do "telephono" no início do Século XX.

Dentre as jovens telefonistas, segundo um exigente professor de matemática, "uma falava no aparelho como um anjo", o que lhe fazia telefonar todas as noites para o Boulevard, num exemplo típico do tesão auditivo.

Completada a ligação, muitas vezes, a telefonista esquecia o fone de ouvido aberto e "sem querer" ouvia a conversa toda. Legal, não? Pois é, dessas conversas, várias, as tinha apontado pensando em publicá-las numa "brutalle ingenuità".

Certamente levaria mais um processo pelo lombo, dando mais trabalho ao amigo Dr. Rubens Negrão, um grande criminalista que já havia me tirado de algumas encrencas e isto se vivo estivesse.

Querendo falar com alguém, o italiapolitano teria que pedir ajuda ao PS. A confiança na "discretezza" das jovens telefonistas era total (?).

Que ajuda seria? Telefonista ligue para o número tal, ou então, telefonista, eu quero falar com o Dr. Fulano. A prestimosa 'PS' efetuava a ligação enfiando o grampo no respectivo 'número' do fulano ou do sicrano e conforme este ou aquele, 'se agüentava', firme, ouvindo a conversa. A nossa telefonia foi uma "grampeira" dos diabos.

Conversando com a Sra. Oneide Tombi, telefonista na "época dos anjos", disse-me sorrindo e com muita convicção que "nenhuma das meninas ouvia conversas de assinantes". Eu quase acreditei!

Putá merda! Veja você, perdi as anotações de várias conversas "secretamente reveladas" pela Giuditta, 'una bella' PS, de voz excitante, peituda e baluda, como disse na crônica 'é foda'.

O cavalheiro começava, dizia ela, como se nada quisesse com a dama, como se não desejasse nada, apenas declarações de simpatia. Depois de algumas telefonadas "pintava a cantada".

Os queixumes de maridos e esposas acabavam em "câmara quente", muito às escondidas, na casa de amigas confidentes, "meninas sérias e de família".

O 'PS', a nossa amiga Giuditta, disse-me que "nas noites de Domingo, invariavelmente, alguém, uma voz grossa, com sotaque italiano, telefonava para uma donzela e ambos conversavam por código, e que naturalmente eu tentava decifrar". O diálogo, segundo a PS, terminava

sempre com um convite, da mulher ao 'maledetto', para "saborearem um frango assado na casa de baixo" (sic).

Os nossos confessionários viveram dias de glória com o avanço da telefonia e haja sigilo confessional. Penitências? Nem se fala! Em Italiápolis, não apenas os padres, mas as "irmãs telefonistas" nunca abriram a boca pra falar desse ou daquele assinante confesso.

No começo dos anos 40 apenas a minoria prestigiada possuía aparelho telefônico em suas residências. "umas 180 assinaturas" se tanto e as vozes eram bem conhecidas.

Atento, portanto, ao 'sigilo confessional' serei também sigiloso, embora não esteja agüentando a coceira. As telefonistas viveram códigos os mais variados e acabaram criando uma "fala doméstica para as conversas internas".

--- Nica! A professorinha foi pro hospital. Ela vai ter um menino, disse a PS a sua colega de plantão.

--- Como? Como você sabe que é menino!

--- É, pois é, é filho do "voz gorda", respondeu com riso de sacanice. A mulher dele só pariu meninas!

O Emilio, um dos grandes do nosso futebol caseiro, contava numa roda de prosa noturna que no "casão da Mariana", no Largo São Benedito, o ponto certo da prostituição italiapolitana, havia uma "mulher nova que tinha o apelido de Telefonista; era muda. Falava só com as mãos". Imaginem!

assim fico por aqui com o Serviço de Telefonia de Italiápolis na época encantada do nosso romantismo, quando a sensibilidade feminina e a imaginação masculina fizeram do amor um sonho gostoso de ser sonhado.

O que as nossas vovós “aprontaram”, infelizmente, ficam por conta da imaginação leitor.

A vovó já foi menina, menina de perna grossa, vestido curto papai não gosta.